

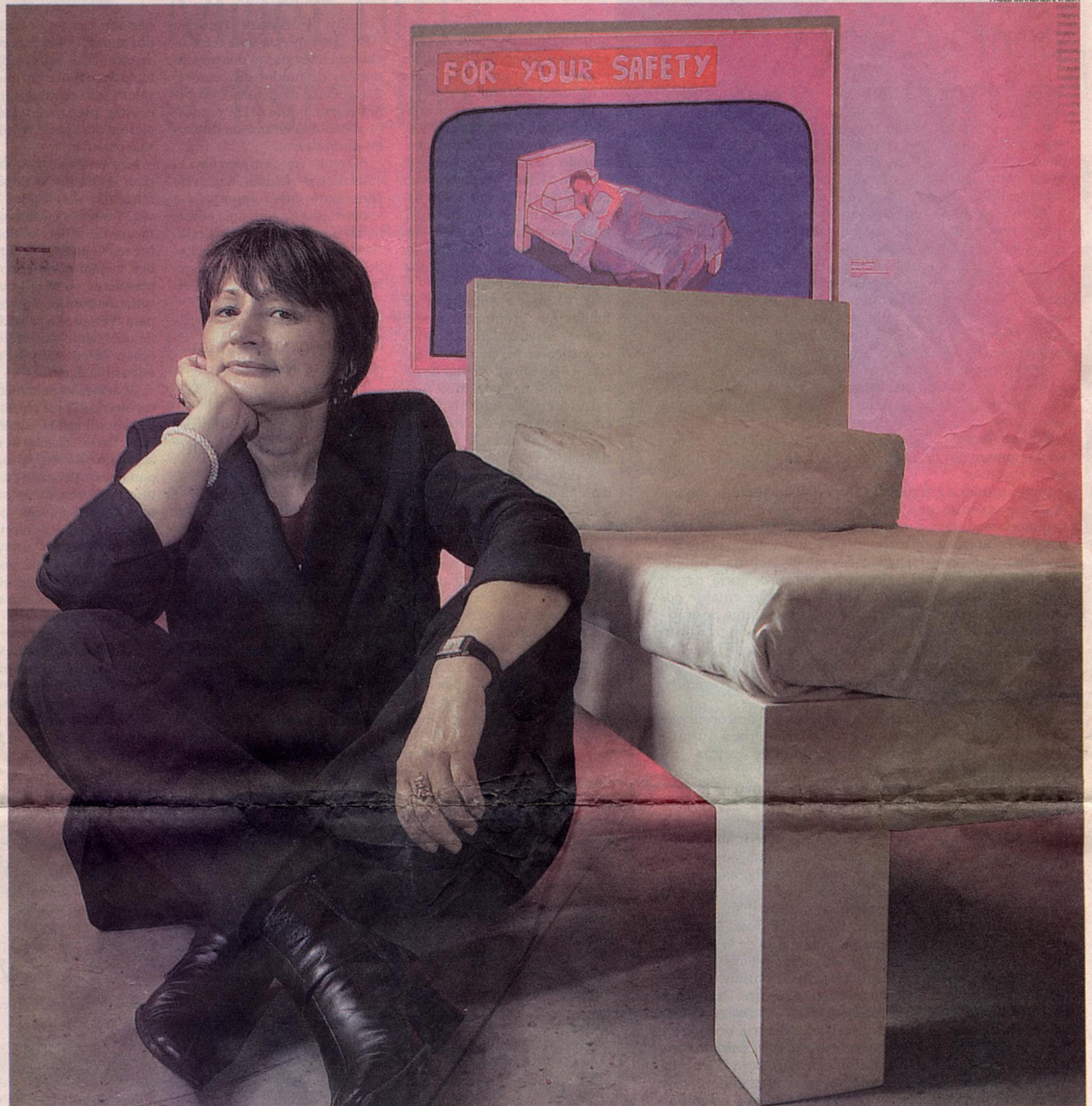
EU &



Vice-presidente da Sobrafito, Dagoberto Brandão (foto) reúne titulares da USP no I Congresso Brasileiro de Fitomedicina D4

LIVROS

Conceituada crítica de arte e polêmica escritora, a francesa Catherine Millet chega ao Brasil para relançamento do livro "A Vida Sexual de Catherine M.", durante a XI Bienal do Livro do Rio de Janeiro. Página D5



A crítica Catherine Millet ao lado da obra "Life Vests", de Fabiana de Barros: "Não senti muita diferença entre escrever esse livro e os demais que já lancei sobre arte", afirma

LIVROS

Catherine Millet, uma artista do sexo

Escritora e crítica de arte francesa fala sobre seus diários eróticos e comenta obras brasileiras. Por **Renata Saraiva**

Catherine Millet fala sobre sexo como fala sobre arte. A editora-chefe da "ArtPress", publicação de grande prestígio que define o que é bom e o que não é em termos de arte contemporânea na França, chegou ao Brasil ontem. Ela participa da XI Bienal do Livro do Rio, onde seu "A Vida Sexual de Catherine M." será relançado pela Ediouro — já foi traduzido em 20 países e vendeu mais de 300 mil exemplares em seu país de origem.

A convite do **Valor**, Catherine visitou a exposição permanente do Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC-USP), onde comentou obras de artistas brasileiros e falou sobre seu livro, que escandalizou os parisienses por contar sua rotina sexual em festas e clubes, onde, desde os 20 anos, manteve relações sexuais com diversos homens — às vezes ao mesmo tempo. Chegaram a ser dezenas, entre empresários, intelectuais, profissionais liberais e cozinheiros — além de seus colegas de trabalho, pois, como ela diz, "é muito melhor trabalhar com alguém cuja intimidade de você compartilha".

"Não senti muita diferença entre escrever esse livro e os demais que já lancei sobre arte", disse a elegante crítica, hoje com 55 anos. "Cheguei a me perguntar: 'como vou escrever sobre sexo de uma forma que não choque as pessoas?'. A resposta veio de meu marido (*Jacques Henric, que lan-*

çou um livro com fotos de Catherine nua na mesma ocasião em que ela lançou 'A Vida Sexual...'): 'escreva sobre sexo como você escreve sobre arte'. Foi o que fiz", diz ela.

Usando a mesma metodologia metódica com que analisa obras de arte, Catherine expôs um comportamento sexual que chocou não o público, mas parte da intelectualidade francesa, à qual ela pertence. "O público recebeu muito bem meu livro e não houve hostilidade por parte da mídia e de alguns intelectuais", diz. Porém, afirma, outros o rejeitaram, como o filósofo Jean Baudrillard.

"Não foi uma reação movida a preceitos morais, mas, acredito, esses intelectuais não compreenderam minha intenção, que era relatar a vivência de uma mulher. São pessoas que dizem ser liberais, mas acreditam que essa liberalidade é restrita a uma elite. Acontece que o meu livro mostra que esse comportamento sexual está em todas as camadas da sociedade", analisa. Para a autora, o livro também causou desconforto por falar abertamente sobre sexo, assunto que ainda é resguardado em seu país.

No livro, Catherine assume-se uma especialista em felação, cujas técnicas demonstra dominar com esmero. Da mesma forma, mostra grande capacidade e agilidade ao analisar obras de arte, sobretudo do ponto de vista erótico. Deparando-se, no MAC-USP, com duas gravuras expostas lado



Catherine junto a obra de Soto: "Esses penetráveis materializam os corpos"

a lado, de autoria de Louise Bourgeois e David Salles, ela logo aponta uma possível intenção do organizador da mostra. "Esses dois artistas trabalham bastante com a questão erótica", comenta.

Na obra de Louise Bourgeois, que apresenta traços circulares repetidos, Catherine generaliza a análise: "Esse tipo de escrita repetida, obsessiva, para mim sempre remeteu à masturbação". Mas, lembra, Louise Bourgeois sempre procurou expor a sexualidade feminina em suas obras, justamente para denunciar os estereótipos sexuais que costumam ser depositados sobre a figura feminina. Perguntada sobre o elo entre arte e sexualidade, Catherine não titubeou em mencionar "doutor Freud", que tinha razão em dizer que "há um impulso sexual na criação artística".

Catherine deliciou-se ao interagir com a obra "Penetrável de Plástico", do uruguaio Jesus Soto (foto). "Adoro Soto porque, com

esses penetráveis, ele possibilita uma materialização dos corpos." Ficou muito bem impressionada, também, com a obra "Life Vests" (1990/91), da paulista Fabiana Barros, em que estão lado a lado uma cama com um travesseiro em forma de caixão funerário e uma pintura da mesma cama com uma moça que dorme, com o dizer: "For Your Savety". "Essa obra é muito rica de significado, pois contém uma ambigüidade: o desespero e a leveza da moça", diz ela. Ao mesmo tempo, referindo-se a um terceiro elemento da obra, um kit que permite ao espectador montar uma miniatura da cama, diz que se trata de um trabalho lúdico.

Ao ver trabalhos de Cícero Dias (que viveu em Paris quase toda a vida) e dos construtivistas brasileiros, Catherine Millet disse que a história desses artistas parece fazer parte de sua própria história em Paris. Sinais do caráter universal da arte.